

MEMÓRIAS EM VERSOS

Da Terra do Ceará às Margens da
Transamazônica



MANOEL NONATO DA SILVA

ORGANIZAÇÃO
JOSÉ VALTEMIR FERREIRA DA SILVA

Catálogo na Publicação (CIP)

S458m SILVA, Manoel Nonato da; SILVA, Organização José Valtemir Ferreira da.

Memórias em versos: da Terra do Ceará às margens da Transamazônica.
- Belém: Autopub Editora, 2026. 59 p.

1. Poesia popular. 2. Memória. 3. Transamazônica.

1. Memórias em versos: da Terra do Ceará às margens da Transamazônica.

ISBN: 978-65-83093-32-5

DOI: 10.46898/autopub.430e4aaf0517

CDD: 811

Ficha Técnica

Conselho Editorial

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Souza UFOPA

Membros do Conselho

Profa. Msc. Andria Raiane Coelho Campos SEMEC-STM

Prof. Msc. Éfrem Colombo Vasconcelos Ribeiro IFPA

Prof. Msc. Jorge Carlos Silva ULBRA

Profa. Msc. Vaneza Nascimento de Oliveira Mélo FICS

Profa. Dra. Irlana Jane Menas da Silva UEFS

Profa. Msc. Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira UNIP

Profa. Dra. Rejane Harder UFS

Prof. Msc. André de Araújo Moraes UNESP

Créditos

© 2026 Edição brasileira

by Autopub Editora

© 2026 Texto

by Autor

Todos os direitos reservados

Autopub Editora

CNPJ 54.303.895/0001-62

Telefone: (91) 98420-6856

contato@autopubeditora.com

Ed. Rogério Fernandez Business Center - Tv. Quintino Bocaiúva, 2301 - Batista Campos,
Belém - PA, 66045-315

www.autopubeditora.app.br

Editor-Chefe: Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Projeto editorial: autopubeditora.com

Revisão: Autor

Bibliotecária: Janaina Karina Alves Trigo Ramos (CRB-8/009166)

Produtor editorial: Rosy Borges

Ao leitor

Os poemas reunidos neste livro foram escritos por Manoel Nonato da Silva em diferentes momentos de sua vida. Surgiram como registros espontâneos de lembranças, homenagens, acontecimentos familiares, reflexões e experiências vividas desde a infância no Ceará até a construção de uma nova vida às margens da Transamazônica.

Nesta edição, preservou-se a linguagem simples e a oralidade características do autor, realizando-se apenas pequenas revisões e organização dos versos, sem alterar seu estilo, sua voz ou o sentido original dos poemas.

Como toda obra construída pela memória e pela poesia, alguns fatos, diálogos e situações podem ter sido recriados pelo autor, não correspondendo necessariamente, em todos os detalhes, ao modo exato como aconteceram.

Assim, *Memórias em Versos* chega ao público como um legado afetivo, destinado, antes de tudo, aos filhos, netos e às futuras gerações, mas também a todos aqueles que reconhecem, nas histórias de vida, um importante patrimônio da memória brasileira.

José Valtemir Ferreira da Silva
Organizador

Onde a Memória Floresce

Há livros que nascem da imaginação. Outros surgem da pesquisa, dos arquivos e dos documentos. Este livro, porém, nasce da memória.

E poucas memórias ajudam tanto a compreender a história da Amazônia quanto aquelas construídas às margens da Rodovia Transamazônica (BR-230). Falar de Manoel Nonato é, antes de tudo, falar de uma geração de brasileiros que acreditou na promessa de um novo começo. Homens e mulheres que deixaram para trás suas terras, suas famílias e seus costumes para enfrentar o desconhecido em busca de dignidade, trabalho e esperança.

Essa história começa muito antes da chegada de Manoel Nonato ao Pará. Em junho de 1970, durante uma visita ao Nordeste assolado pela seca, o então presidente da República, General Emílio Garrastazu Médici, anunciou medidas que culminariam na criação do Programa de Integração Nacional (PIN) e na construção da Rodovia Transamazônica. A proposta governamental prometia integrar o território nacional e oferecer novas oportunidades às famílias nordestinas por meio da ocupação da Amazônia.

Foi nesse contexto que milhares de pessoas decidiram recomeçar suas vidas. Em 1972, entre elas estava Manoel Nonato da Silva. Natural do Ceará, chegou à Transamazônica acompanhado de sua família, trazendo consigo poucos bens materiais, mas carregando uma riqueza que nenhuma estrada poderia oferecer: a coragem de recomeçar.

Cinco anos depois, em 1977, chegava também à região Neusa Ferreira e sua família. Vindos do Paraná, movidos pelo mesmo sonho da terra própria e de uma vida melhor, atravessaram o Brasil para fincar raízes na Amazônia. Dois caminhos diferentes, vindos de extremos do país, encontraram-se às margens da mesma estrada. Como tantas outras histórias da colonização amazônica, essa também foi marcada pelos encontros que somente a Transamazônica tornou possíveis.

Desse encontro nasceu uma família. Dessa família nasceu uma história. E dessa história nasceram estes poemas.

As páginas que o leitor encontrará a seguir não pretendem reconstituir grandes acontecimentos históricos. Elas revelam a história de um homem comum que encontrou na poesia uma forma de guardar suas lembranças. Nos versos de Manoel Nonato estão presentes a infância no Ceará, a chegada ao Pará, o trabalho, a fé, o amor pela família, os desafios da vida, os ensinamentos compartilhados e a esperança que sempre guiou seus passos.

Sua poesia preserva a simplicidade da tradição popular nordestina. Não foi escrita para atender às convenções literárias, mas para registrar experiências, celebrar afetos e transmitir valores às novas gerações. É justamente nessa autenticidade que reside sua maior beleza. Cada poema é um fragmento de memória; juntos, formam o retrato de uma vida vivida com coragem, trabalho e gratidão.

Mais do que uma coletânea de poemas, este livro é um legado. É a forma que Manoel Nonato encontrou de perpetuar sua história e de compartilhá-la com sua família e com todos aqueles que acreditam que as maiores riquezas de uma vida estão nas lembranças, nos afetos e nos caminhos percorridos.

Ao abrir estas páginas, o leitor não encontrará apenas versos. Encontrará a voz de um homem simples que fez da memória sua poesia e da poesia um legado.

José Valtemir Ferreira da Silva.

SUMÁRIO

Ao leitor

Onde a Memória Floresce

I – Raízes e Recomeços

Saudades da Minha Infância

Meu Pai: Rico em Respeito

Os Pés de Valsa do Ceará

O Nômade

O Começo da Jornada

II – Quando a Terra Virou Destino

A Viagem e a Chegada

O Dono da Rua

O Boteco de Francisquinho

A Chegada dos Primeiros Padres

O Primeiro Trabalho

Lá no Quilômetro Noventa

A Chegada do Pium

III – O Amor que Fez Morada

O Amor

O Amor da Minha Vida

Minha Esposa... Não é Eu que Quero Não

Família, Minha Gratidão

Retrato de um Agricultor

IV – A Fé que Sustenta a Vida

Proteção Divina

Lembre-se Dele

Hoje Sexta-Feira Santa

Oração

Prece a Santa Luzia

V – Fragmentos de uma Vida

Máquina Faz Tudo

Vai Pegar um Sol?

Uma Frase Decorada

Pandemia da Tristeza

A Notícia

O Cãozinho

VI – Lições da Caminhada

Siga em Frente

Lá se Vai o Preguiçoso!

Preguiça Tem Nome

Para Não Virar Jacaré

Prosperar

Amigo de Verdade

Por Que Gostam de Mim?

VII – O Poeta e Suas Memórias

Caneta, te agradeço

O Dom da Poesia

Escrevendo Minhas Memórias

A Caneta Atrevida

A Força do Destino

Caneta, vamos parar!

Algumas Lembranças

I

Raízes e Recomeços

Toda memória tem um começo. Antes dos caminhos percorridos, vieram as raízes, a infância, a família e os primeiros sonhos. É desse chão que nascem os versos.

Saudades da Minha Infância

Hoje, quando amanheceu o dia,
fiquei logo a imaginar
o meu tempo de criança
que vivi no Ceará.

Esse tempo foi tão bom
que nem gosto de lembrar;
chega a me dar água nos olhos,
dá vontade de chorar.

Eu tinha meus oito anos
naquele tempo distante.
Foi o tempo mais feliz,
que guardo a todo instante.

Foi o tempo mais feliz
que vivemos em família,
perto da tia Santana
e da tia Margarida.

Foi o tempo mais feliz
que passei na minha vida.
Eu não posso esquecer
essa lembrança tão querida.

Meu Pai: Rico em Respeito

Meu pai era fraco de situação,
mas era rico em respeito
e também em educação.
Para ajudar os outros,
tinha um grande coração.

Era amigo de todo mundo,
homem muito respeitador.
Precisava conhecer:
que pessoa de valor!

Quantas vezes gente chegava
pedindo um copo d'água.
Ele logo falava:
— Entre aí, meu camarada.
Vamos descansar um pouco,
deixe esfriar a estrada.

Chegava a hora do almoço,
chamava para almoçar.
Tinha prazer em receber
e também em alimentar.

Hoje eu só tenho lembranças;
elas sempre vão ficar
do homem que lutou muito
para poder nos criar.

Esse era o seu Zé Senhora,
que, junto com minha mãezinha,
fez uma linda história.

Ao contar suas andanças,
eu me ponho a orar,
que Deus os tenha para sempre
em um bom lugar.

Os Pés de Valsa do Ceará

Te pego de novo, caneta,
pra continuar a história.
Hoje vou falar de Mundoca
e de Seu Zé Senhora.

Eram pés de valsa famosos
no estado do Ceará.
Todo mundo ali parava
pra ver os dois dançar.

Dançavam qualquer dança,
marcando na ponta do pé.
Nunca vi dançar tão bem
como dona Mundoca e Seu Zé.

Dançavam de rosto colado,
no aberto e no fechado.
E ainda tinha um fungado
no cangote do outro lado.

O Nômade

A vida do ser humano
Ninguém pode avaliar.
Nasce lá em São Paulo,
Se cria no Ceará,
Casa lá na Paraíba
E vem morar no Pará.

Depois nascem os filhos,
crescem e vão estudar.
Surge então uma pergunta,
que faz todos pensar:
— Onde foi que o pai nasceu?
Cada um diz um lugar,
pois o pai viveu em tantos,
que ninguém sabe acertar.

Assim era meu amado pai,
sempre vivendo a viajar.
Chegava cedo num canto,
para sua rede armar.
Mas, no outro dia bem cedo,
já seguia seu caminhar.

O Começo da Jornada

Eu hoje tive vontade
de minha história contar.
Eu sou Manoel Nonato,
nascido lá no Ceará.
Com vinte e quatro anos de idade,
vim aqui pro Pará.

Naquele tempo o governo
mandava o povo buscar,
as famílias do Nordeste
pra viver no Pará.
Tinha um lema bem escrito:
“Integrar pra não entregar”.

Nisso o mano mais velho
começou logo a animar,
chamou meu pai e foi dizendo:
— Vamos nos alistar.
Tenho muita vontade
de conhecer o Pará.

No outro dia, bem cedo,
o mano se levantou,
vestiu a roupa e disse:
— Vou lá ver o que vai dar.
Não se preocupem comigo,
lá pra tarde vou voltar.

Quando saiu lá de casa,
ainda de madrugada,
despediu-se de meu pai
e meteu o pé na estrada.
Foi assim que teve início
nossa longa caminhada.

II

Quando a Terra Virou Destino

Toda estrada transforma quem a percorre. Entre despedidas, esperança e coragem, uma nova terra tornou-se destino e passou a fazer parte da memória.

A Viagem e a Chegada

Nos anos de setenta,
começaram a falar
de um projeto do governo
que chegou ao Ceará.
O projeto que eu falo,
você pode acreditar,
era o famoso projeto:
“Integrar para não entregar”.

Meu pai disse:
— Mundoca, vamos agora nos arrumar,
nos alistar na Mineirolândia,
pra nós irmos ao Pará.

Como ele já estava mais velho,
não podia se alistar;
foi meu mano mais velho
com o Doutor Parente falar.
Depois disso, fomos para Fortaleza
para poder viajar.

Pegamos o avião
às quatro da madrugada.
No dia quatro de novembro,
começou a nossa jornada.

Chegamos em Altamira,
sem saber o que viria.
Já tinha um ônibus esperando
para levar as famílias.
O destino era João Pezinho.
Era essa a nossa trilha.

No outro dia, bem cedo,
levantamos para o café.
Minha mãe chamou meu pai:
— Chega aqui, Zé!
Do jeito que estou vendo,
isso aqui não vai dar pé.

Depois chegou um ônibus velho.
Nós embarcamos de novo,
parando mais uma vez
no Arraial Brasil Novo.

Nessa nova parada,
só deu tempo de afrouxar o cinto.
Embarcamos novamente,

rumo ao quilômetro cinquenta e cinco.

Logo que chegamos na faixa,
veio alguém avisar:
— A ponte está quebrada,
você não vão poder passar
para a Dezesete,
onde vão pernoitar.

Às quatro horas da tarde,
veio outro avisar:
— A ponte já está pronta,
agora podem atravessar.
Entramos de novo no carro
e continuamos a viajar.

Em mais uma parada,
começamos a conversar.
Dissemos para seu Onofre:
— Coisa ruim é esperar.

Nisso chegou outro senhor,
começando a anunciar:
— Aprontem-se bem depressa,
você já vão embarcar.
Para o Travessão Dezenove,
o carro está a esperar.

Botamos as coisas no carro,
continuamos a viajar.
Chegamos à Dezenove,
ficamos na Rua A.
Ali começou a vida,
era hora de recomeçar.

O Dono da Rua

Naquele tempo, lá no INCRA,
todo colono ia chegar.
Quem vinha pra Transamazônica
precisava se cadastrar.
Pra receber o seu lote,
tinha que cedo chegar.

O mano chegou lá às oito horas,
já tinha vinte na fila.
O mano pensou consigo:
— Vou dar uma volta na Agrovila.

E, passando numa rua,
um senhor lhe perguntou:
— Quem é você, meu amigo?
Me faça logo um favor.
Não passe na minha rua,
você não sabe quem eu sou!

Meu pai soube da conversa
e foi com o homem falar:
— Quem é você, meu amigo,
que nessa rua ninguém pode passar?
Ou você é o dono dela,
ou tá querendo apanhar.

Quando o homem ouviu aquilo,
começou a amarelar,
ficou tremendo,
igualzinho um preá.
— Me acode aqui, minha gente,
o velho quer me matar!

O Boteco de Francisquinho

Meu irmão pegou um lote
bem pertinho da Agrovila.
Nós achamos muito bom;
pra nós foi uma maravilha.

Meu irmão ficou tão feliz,
parecia que tinha asas.
Ficou ainda mais contente
quando recebemos a casa.

Botamos as coisas pra dentro,
foi aquela animação.
— Vamos agora nos ajeitar
pra fazer nosso baião.

Ali tinha um boteco;
Francisquinho era o dono.
Conversava o tempo todo,
conhecia cada colono.

Meu pai disse ao meu irmão:
— Meu filho, vá ao boteco comprar.
Traga algumas coisas
pra Mundoca cozinhar.
Nós temos que comer primeiro,
pra depois trabalhar.
O que tiver por lá,
pode trazendo pra cá.

Assim o mano saiu
em direção ao boteco.
Chegando lá, foi dizendo:
— Fala, meu patrão,
o que tem aí pra vender
pra fazer o meu baião?

Só tinha na prateleira
três pacotes de feijão.
O mano disse:
— Bote tudo que tiver,
eu levo até o balcão.
Francisquinho sorriu
de tanta satisfação.

Vendeu o boteco todinho.
Diziam todos por lá:
Do jeito que a coisa estava,
sem ninguém meter a colher,

Francisquinho não tinha dúvida:
vendia até a mulher!

Quando chegou em casa,
foi logo conversar:
— Idalba, minha querida,
tu não vai acreditar.
Não ficou nada no boteco,
vendi tudo que tinha por lá.
Vamos ajeitar as coisas
e voltar pro Ceará.

Mas a história não parou,
ainda tem mais pra contar.

Foi embora Francisquinho,
e eu ainda ouvi comentar
que abriu outro boteco
pras bandas do Ceará.

Seus sogros também acharam
que era difícil se acostumar.

Seu Nelson e dona Peta
mais um ano ficaram cá.
Falavam aos quatro ventos:
— Esse lugar aqui não dá.
Se é pra morrer de fome,
vamos pro Nordeste voltar.
Certo dia pegaram um carro
e seguiram pro Ceará.
Foi essa a história
que ouvimos o povo contar.

A Chegada dos Primeiros Padres

Nesse tempo, a Igreja
mandou aqui pro Pará
os primeiros padres
pro povo acompanhar.

Vieram celebrar missas,
com a gente conversar,
levando a Palavra de Deus
a todo aquele lugar.

No dia da primeira Santa Missa,
que vieram celebrar,
o povo da comunidade
quis os padres ensinar.
Cada um dava um conselho
de como tudo organizar.

Os padres foram embora
e não quiseram voltar.
Então o bispo resolveu
outros padres enviar.

Disse o bispo:
— Vou mandar padres pacientes,
que saibam orientar.
Com respeito e com carinho,
esse povo conquistar.

Assim, o bispo
os padres foi buscar.
Antes de enviá-los,
assim pôs-se a falar:
— Estou preparando vocês
pra irem trabalhar
na Transamazônica,
no estado do Pará.

Os padres aceitaram o chamado
para o povo acompanhar.
Vieram logo de uma vez
Padre Léo e Padre Oscar.

O Primeiro Trabalho

Eu hoje tive vontade
de minha história contar.
Eu sou Manoel Nonato,
nascido lá no Ceará.
Com vinte e quatro anos de idade,
cheguei aqui no Pará.

Padre Léo, pelos travessões,
certo dia me encontrou.
Chamou-me e foi dizendo:
— Pegue aqui na minha mão,
quero lhe encaminhar.
Vai trabalhar na educação.

No quilômetro cinquenta e cinco,
comecei a trabalhar.
Numa sala com quarenta alunos,
ia contente ensinar.
Foi o primeiro trabalho
que encontrei aqui no Pará.

Chegava cedo à escola,
entrava logo em atividade.
Cumprindo sempre meu dever,
era só felicidade.
Ensinava com carinho,
com muita simplicidade.
Dando início ao meu ofício,
com muita responsabilidade.

.

Lá no Quilômetro Noventa

Lá no Quilômetro Noventa,
a missa prestes a começar.
Quando vinha alguém correndo,
se acabando de gritar:
— Me acuda aqui, minha gente,
esse homem quer me matar!

O padre vestia a batina
quando os gritos escutou.
Tomou a frente e disse:
— Vai parando aí, meu senhor!
Só mais um passo à frente,
e você vai ver quem eu sou.

O homem respondeu:
— Você, pra mim, é um sapo
vestido de paletó;
daqueles que cantam na roça,
com uma pança tão grande
que não passa mais na porta.

O padre se adiantou,
pegou pelo nó do pirão,
deu dois sopapos nele,
e o cabra caiu no chão.

Ele caiu já com as duas mãos postas,
dizendo:
— Paixão, paixão, paixão...
Mas queria era dizer:
— Perdão, perdão, perdão!

A Chegada do Pium

No outro dia, bem cedo,
O tal do pium chegou.
Começou a ferrar o povo,
Ninguém mais se aguentou.
Tinha gente dizendo:
— O jeito é voltar, nosso sonho acabou!

III

O Amor que Fez Morada

Alguns encontros mudam o rumo de uma vida. Nesta parte florescem o amor, a família e os laços que o tempo fortaleceu.

O Amor

O amor é uma coisa
que nasce dentro da gente
e que Jesus abençoa
para ficar para sempre.

O amor é uma coisa
que temos que conservar
e nunca fazer besteira
para depois não chorar.

O Amor da Minha Vida

No ano de setenta e sete,
pelo destino da vida,
chegou aqui no Pará
o amor da minha vida.

Chegou um dia bem cedo,
no outro já começou
a animação dos rapazes,
todos doentes de amor.

Mas se passaram uns dias,
e nada o destino mudou.
Todos se tornaram uns bestas,
e o Nonato seu amor ganhou.

Minha Esposa... Não é Eu que Quero Não

Viajei muito com os padres,
pensando ser vocação;
mas pensamento é perdido,
quem manda é o coração.

Falando de uma pessoa
preciosa em minha vida,
e que eu amo tanto:
minha esposa querida.

Tem dia que, por acaso,
minha esposa querida,
eu estou muito agitado;
são consequências da vida
que eu colhi do passado.

Nos meus três anos de idade,
levei um escorregão.
Caí de costas pra trás,
bati a cabeça no chão.
Minha esposa querida,
não é eu que quero, não.

Família, Minha Gratidão

A esposa que Deus me deu,
e por quem tenho muito amor,
deu-me quatro filhos homens,
mas um deles Deus levou.

Os três que deixou pra mim,
Jesus Cristo abençoou.
Não reclamo da minha vida,
porque muito feliz eu sou.

Wanderlei é o mais velho,
dotado de sabedoria,
amigo de todo mundo;
isso me dá alegria.

Depois nasceu Valdemir,
recebi com todo amor;
mas, depois de dois aninhos,
Jesus Cristo o levou.

Veio o nosso terceiro filho,
com o nome de Valtemir,
dotado de sabedoria,
muito calmo e comportado.
Nos seus trinta e oito anos,
ele já fez doutorado.

Waltemar, o caçula,
também não fica pra trás.
Vai muito bem nos estudos;
isso aí é bom demais.

Quero agradecer muito a Deus
pelos filhos que me deu.
Jesus Cristo abençoe todos eles,
esse é o pedido meu.

Retrato de um Agricultor

Vou falar aqui
da vida de um agricultor.
Ele acordou cedinho e disse:
— Levanta, meu amor.
É hora de ir pra roça,
que atrasado já estou.

Cinco horas da manhã,
sua companheira se levantou
pra fazer um café.
Ele logo se animou.

Depois da merenda,
foi trabalhar cedinho.
Quando escutou alguém gritar:
— Volte aqui um instantinho!

Voltou de novo pra casa,
viu um homem esperando
e disse a ele com certeza:
— Bom dia, meu camarada!
Diga o que o senhor deseja.

O homem respondeu:
— Quanto o senhor cobra
pra fazer o embuchamento
no cano da espingarda, agora?

— Meu amigo, vou fazer
um trabalho especial
e cobrar baratinho:
só trezentos real.

— Pode fazer, meu amigo,
que aqui vou esperar
o serviço ficar pronto
pra eu poder levar.

Não demorou muito tempo;
o serviço está na mão.
Foi feito com muito gosto,
capricho e dedicação.

— Obrigado, meu amigo,
por me quebrar esse galho.
Pode ficar com certeza:
vou lhe arranjar mais trabalho.

IV

A Fé que Sustenta a Vida

Nos momentos de alegria e de dificuldade, a fé foi abrigo, força e esperança. Estes versos revelam a confiança que sempre guiou a caminhada do poeta.

Proteção Divina

Começando os trabalhos,
do meu canto me levanto
para pedir a bênção de Deus,
Pai, Filho e Espírito Santo.

Estou de corpo fechado,
não tenho medo de nada;
com a proteção de Deus,
eu meto o pé na estrada.

Lembre-se Dele

Tudo que temos e sentimos
recebemos de Jesus.
Por amor de todos nós,
morreu pregado em uma cruz.

Mas, estando dentro de uma festa,
não se lembram que Ele existe.
É por isso que eu escrevo;
acho isso muito triste.

Estando em uma roda de amigos,
não se lembram nem do nome.
Enquanto enchem o rabo de pinga,
o resto morre de fome.

Hoje Sexta-Feira Santa

Hoje é Sexta-Feira Santa;
minha mente me conduz
ao dia de sofrimento
em que Cristo morreu na cruz.

Mas, se morreu por nossos pecados,
hoje ninguém quer mais sofrer.
Qualquer dorzinha que sente,
grita: “Ai, meu Deus, eu vou morrer!”

Oração

Papai do Céu, me dê saúde,
que eu preciso nessa hora.
Se for de Vossa vontade,
faça essa dor ir embora.
Peço a Vossa proteção
e da Virgem Nossa Senhora.

Jesus e Nossa Senhora
são meus grandes protetores.
Sempre me dão conforto
nas minhas horas de dores.

Estou fazendo este pedido,
às nove e cinquenta, registrado.
Agora posso escrever
meus versos inspirados.

Prece a Santa Luzia

Santa Luzia querida,
te peço de coração:
cura minha esposa,
que está com problema de visão.

Cura minha esposa,
Santa Luzia, peço de coração.
Faço este humilde pedido
em forma de oração.

Senhora Santa Luzia,
eu posso acreditar
na Vossa santa proteção
e no poder de curar.

Quem vê a luz
não sabe o que é sofrer.
A pior coisa deste mundo
é querer ver e não poder.
Eu tenho os dois olhos sadios,
só tenho a agradecer.

V

Fragmentos de uma Vida

A vida também se faz de pequenos acontecimentos. São lembranças do cotidiano que, transformadas em poesia, preservam gestos, pessoas e momentos que o tempo não levou.

Máquina Faz Tudo

Vou falar aqui um pouco
da máquina que diz que faz tudo.
Minha mulher comprou uma,
toda cheia de orgulho.
— Vamos ligar a máquina;
deixa que ela faz tudo.

Quando ligaram a máquina,
foi água pra todo lado.
Dona Neusa falou, zangada:
— Isso aqui tem um culpado!
Me venderam o que não presta!
Eita vendedor safado!

Vai Pegar um Sol?

Que isso, menina?
Veja só o resultado:
Tentando pegar o Sol,
Morreu de braço esticado.

Uma Frase Decorada

As pessoas, sem pensar,
falam palavras atrasadas.
Dizem: “Vou pegar o sol”,
como uma frase decorada.

Nisso vão esquecendo
de como veio o resultado,
porque quem foi pegar o sol
morreu de braço esticado.

Mas todo mundo fala isso;
ninguém pode criticar.
É uma frase comum
que cabe em qualquer lugar.

E eu mesmo não tô nem aí;
quem quiser pode falar.
Me desculpe quem falou,
eu não quis lhe criticar.
Estou escrevendo meu livro
e queria terminar.

Pandemia da Tristeza

Quando falaram em concurso,
o povo se animou.
Diziam um para o outro:
— Esse prefeito tem valor.
Nós votaremos de novo nele,
se candidato ele for.

Quando saiu o edital,
que já estava na mão,
diziam um para o outro:
— Esse não ganha mais eleição.
Já está com o bolso cheio
e não se preocupa mais, não.

Depois do concurso feito,
disso eu já tinha certeza,
e registrei no meu livro:
Pandemia da Tristeza.
Vai todo mundo sofrer;
isso não é uma beleza.

A Notícia

Eu recebi uma notícia
que me deixou em desatino.
Disseram que estava muito mal
meu compadre Natalino.

Esse tipo de notícia
ninguém quer receber.
Quem sofre do coração
corre o risco de morrer.

Quando recebi a notícia,
fiquei muito preocupado.
Disseram que o seu estado
era bastante delicado.

Quem não sabe dar uma notícia
deve falar com cuidado.
Às vezes é bem melhor
ficar um pouco calado.

Quem sabe dar a notícia
sabe bem disfarçar.
Vai conversando direitinho,
até chegar pra falar.

Eu lhe digo, meu amigo,
preste bem atenção:
quem não sabe conversar
é melhor ter precaução.
Melhor medir as palavras,
não cause mal maior, não.

O Cãozinho

Caneta, te pego de novo;
veja só que alegria.
Pego minha caneta azul
para escrever poesia.

Nós fomos para a chácara;
quando estávamos chegando,
nosso cãozinho no portão
já estava esperando.
Numa alegria tão grande,
quase que estava chorando.

Pulava, dava muitas voltas,
como quem estava dizendo:
“Lembraram de mim agora.
Souberam que eu estava sofrendo”.

Eles acham que cachorro
não tem nenhum sentimento.
Mas ele sente saudade,
tristeza e contentamento.

Vocês vão embora pra chácara
e me deixam aqui sozinho.
Tenho que esperar a sua volta
pra ganhar o meu carinho.

VI

Lições da Caminhada

Cada experiência deixa um ensinamento. Entre conselhos, humor e simplicidade, estes versos compartilham aquilo que a vida ensinou ao poeta.

Siga em Frente

Hoje vejo que o estudo
está em primeiro lugar.
Por isso, siga em frente,
não pode desanimar.
O caminho está perto;
você vai chegar lá.

Lá se Vai o Preguiçoso!

Por gostar muito de você,
estou lhe avisando de novo.

A pessoa que não trabalha
está na boca do povo.

E o povo aponta com o dedo:
— Lá se vai o preguiçoso!

Preguiça Tem Nome

Zé Augusto, gaiato,
doidinho para se casar,
foi à casa do Sr. Pedro
com Luiza conversar.

— Meu bem, casa comigo;
eu tenho muito amor pra te dar.

Luiza:

— Augusto, você é um bom partido,
mas essa oferta me consome.

Eu não vou casar contigo
pra depois morrer de fome.

Pode ir atrás de outra,
que essa preguiça tem nome.

Para Não Virar Jacaré

Morre gente todo dia,
é uma calamidade.
Chora o pai pelo filho
e a mãe pelo marido.
Cuidado com esse corona,
eita vírus atrevido!

Vamos tomar a vacina,
homem, menino e mulher.
O importante é ter saúde
pra não virar jacaré.

Prosperar

A coisa que eu mais gosto,
você podem acreditar,
é dia de sexta ou sábado,
que eu vou para a chácara trabalhar,
aguar os açaís
para poder prosperar.

Quando escrevi "prosperar",
teve quem fosse perguntar
se eu sabia essa palavra;
então vou lhe explicar.

A palavra “prosperar”
é crescer e dar bons frutos.
Respondi sua pergunta.
Obrigado pelo insulto.

Amigo de Verdade

Um amigo de verdade
é difícil de encontrar.
Em tudo que você faz,
ele vai lhe ajudar.

Um amigo, bem amigo,
é melhor que um irmão.
Faz de tudo por você,
reparte até o feijão.

Estando perto dele,
não há preocupação.
Um amigo de verdade
sempre lhe estende a mão.

Chega a hora do almoço,
reparte até o baião.
Se tem uma festa por perto,
logo faz o convite, então.

Quando você não tem dinheiro,
ele sempre alguma coisa tem.
Quando ele está liso,
você ajuda a ele também.

Mas quero dizer a você:
faça uma comparação.
Nem todo amigo que aparece
merece o seu coração.

Tem cachorro que é amigo,
e tem amigo cachorro.
Se você for na onda dele,
acaba pedindo socorro.

Por Que Gostam de Mim?

— Manoel Nonato,
Por que esse povo
Gosta tanto de você?

— É porque eu nunca fiz
mal a ninguém
e nem pretendo fazer.
Sou pessoa de bem
e assim procuro viver.

VII

O Poeta e Suas Memórias

Quando as lembranças encontram a poesia, nasce o desejo de escrever para que o tempo não apague o vivido. Aqui, o poeta conversa com sua caneta e faz dos versos um legado para a família.

Caneta, te agradeço

Caneta, te agradeço
por me ajudar agora,
por dar teu sangue bonito
para escrever minha história.

Sou um simples escritor,
que tira tudo da memória.
Sou filho de Mundoca
e de seu Zé Senhora.

O Dom da Poesia

Deus sempre está pertinho
do meu coração,
para eu escrever poemas
igual ao rei Salomão.

Eu não me aperto, não.
Para escrever poesia,
pois tenho inspiração.
Isso me dá alegria.

Faço verso e faço rima,
tiro tudo da cachola.
Uso o dom que Deus me deu
pra rimar na hora.

Toda pessoa que lê
logo diz sem demora:
“Quem escreveu esses versos
Foi o filho de seu Zé Senhora”.

Escrevendo Minhas Memórias

Caneta, tu tá com preguiça?
Vamos agora trabalhar,
escrever nossa história
para o povo apreciar.
As coisas que vêm de Deus,
nós temos que registrar.

Eu sou dotado de memória,
graças a Nosso Senhor.
Escrevo versos e rimas
com carinho e com amor,
pra contar pros netinhos
tudo que a vida deixou.

É bom a pessoa escrever
tudo o que passa na vida.
O importante é fazer um registro
que fica pra toda a família.
Quando contarem essa história,
vão sentir alegria.

A Caneta Atrevida

Caneta, tu és perversa,
tu me encheu de ferida.
Eu era todo limpinho,
oh, que desgosto na vida!
Tu vai ficar na história,
sua caneta atrevida.

Quando estiver se acabando,
vou esperar tua partida.
Não adianta vir chorando
depois de ser atrevida.
Quem faz o mal aos outros
também paga nesta vida.

Não adianta mais zombar,
você vai pagar o pato.
Em breve vou me livrar,
te botar no meio do mato.
Vai terminar esquecida,
sua caneta atrevida.

A Força do Destino

Todo dia é mais um dia,
mais velho estou ficando.

A força do destino
já estava me esperando.

Só quero que Deus me dê
saúde e paz pras minhas lidas,
para poder enfrentar
as batalhas desta vida.

Caneta, vamos parar!

Caneta, vamos parar,
que teu dono já cansou.
Vamos repousar um pouco,
esse teu trabalhador.

Caneta, vamos parar,
que teu dono já parou.
Deixa descansar um pouco
esse teu trabalhador.

— Meu dono, trabalho tanto,
e você não me agradece.
Entrego todo o meu sangue,
e você não reconhece.
Aí é que você vê
como a caneta padece.

— Caneta, tudo o que você faz
teu dono reconhece.
Mas, ouvindo tanto lamento,
teu dono entristece.

— Meu dono, tanto trabalho
já começa a me cansar.
O senhor não me alimenta,
meu sangue vai se acabar.

— Minha caneta querida,
eu também vou lhe descansar.
Vou te colocar no armário
e vou lhe aposentar.

— Eu pergunto, meu dono:
quem vai lhe acompanhar?
Quem vai estar contigo
se novas poesias brotar?

— Não se preocupe, caneta querida.
Se eu seguir a poetizar,
procuro uma nova companheira
pra no teu lugar ficar.
Você já trabalhou bastante,
já pode descansar.

— Meu dono, muito obrigado,
sem palavras pra falar...

Caneta, te agradeço;

por ti tenho muito amor.
Eu estou aposentado,
e você muito me ajudou.

Esse livro escrito por mim
Foi uma grande maravilha,
Fica de lembrança
Para toda a minha família.
Manoel Nonato da Silva.

Algumas Lembranças

Os documentos reproduzidos a seguir testemunham uma pequena parte da trajetória de Manoel Nonato como colono, agricultor e professor na Transamazônica.

Distintivo do MA-INCRA – 1972



Certificado do curso de operador de Motosserra – 1973



Atestado de conduta – 1977

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA DE POLÍCIA DE ALTAMIRA

ATESTADO DE CONDUTA Em 06/04/1977

O Sr. GERALDO MAGELA DA SILVA
FALCÃO 12. TER. PM.
Delegado de Polícia por nomeação legal etc...

ATESTA - para fins de direito, que seu(a) Jurisdicionado(a)
MANOEL NONATO DA SILVA
Nacionalidade BRASILEIRO N. Estado CEARÁ Est. Civil SOLTEIRO Prof. PROFESSOR
Idade 28 é pessoa de BONS ANTECEDENTES, com verificação feita nos Arquivos desta Delegacia de Polícia, nada consta até esta data que desabone sua CONDUTA.
O referido é verdade.

[Assinatura]
Delegado de Polícia

Ordem de Serviço – 1978

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

ORDEM DE SERVIÇO 01/78

Pela presente determinamos que o Professor Manoel Nonato da Silva continue servindo na Escola de 12º Grau "Santos - Dumont" da Agrovila Santos Dumont na vicinal 17/19 - km 55 da Rodovia Transamazônica trecho Altamira-Itaituba.

Altamira, aos 17 de fevereiro de 1978.

[Assinatura]
Pe. Leo Pedro Schneider
Supervisor resp.P/inspeção

Visto da Diretora da 12ª DRE

[Assinatura]
Diretora da 12ª DRE.

Cronologia da Vida de Manoel Nonato

- 1948** – Nasce no Ceará, onde passa a infância, a adolescência e parte da juventude.
- 1972** – Migra com a família para a Transamazônica, no Pará, por meio do programa de colonização dirigida do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).
- 1972** – Estabelece-se com a família no Travessão da 19, nas proximidades da então Agrovila Brasil Novo.
- 1974** – A convite do Padre Léo, inicia sua atuação como professor na Escola Santos Dumont.
- 1978** – Casa-se com Neusa Ferreira, que migrou do Paraná para a Transamazônica em 1977.
- 1979** – Nasce o primeiro filho, Wanderlei.
- 1980** – Nasce o segundo filho, Waldemir.
- 1981** – Muda-se com a família para o Travessão da 8, na zona rural de Brasil Novo.
- 1982** – Falecimento do filho Waldemir.
- 1983** – Inicia a docência na primeira escola do Travessão da 8, posteriormente denominada Escola Paola Francinete, conciliando o magistério com a atividade de agricultor.
- 1984** – Nasce o terceiro filho, José Valtemir.
- 1988** – Nasce o quarto filho, José Waltemar.
- 1991** – Muda-se com a família para Altamira, onde dá continuidade à sua trajetória na educação.
- 1996** – Inicia sua atuação voluntária na Associação de Moradores do Bairro Boa Esperança, da qual exerce a presidência até 2001.
- 2002** – Inicia sua atuação voluntária na Associação de Moradores do Bairro Jardim Altamira. Nos anos seguintes, assume a presidência da associação, cargo que exerce por alguns anos.
- 2015** – Aposenta-se e, nos anos seguintes, passa a registrar em cadernos manuscritos suas lembranças em versos.
- 2026** – Publica *Memórias em Versos: Da Terra do Ceará às Margens da Transamazônica*.

MEMÓRIAS EM VERSOS: Da Terra do Ceará às Margens da Transamazônica

Memórias em Versos: Da Terra do Ceará às Margens da Transamazônica é um livro de poesia popular em que Manoel Nonato da Silva transforma suas lembranças em versos. A obra percorre sua trajetória, da infância no Ceará à construção de uma nova vida na Transamazônica, reunindo histórias de família, trabalho, educação, fé, humor e participação comunitária, preservando a memória de uma geração que ajudou a construir a região.

